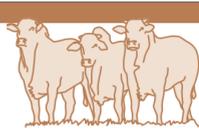


AGROPECUÁRIO

MERCADO

**BOI GORDO**

R\$/@

Vencimento mês/ano	Cotação	Varição semanal (%)
Mai/17	136,01	-13,3
Jun/17	136,00	-8,5
Jul/17	136,41	-10,6
Ago/17	137,00	-10,5

**CAFÉ ARÁBICA**

US\$/saca 60kg

Vencimento mês/ano	Cotação	Varição semanal (%)
Jul/17	158,85	3,1
Set/17	163,95	8,8
Dez/17	167,25	10
Set/18	174,05	13,4

**SOJA**

US\$/saca 60kg (à vista)

Vencimento mês/ano	Cotação	Varição semanal (%)
Jul/17	21,23	0,9
Ago/17	21,26	1,8
Set/17	21,19	1,2
Nov/17	21,15	-1,2

**MILHO**

R\$/saca 60kg

Vencimento mês/ano	Cotação	Varição semanal (%)
Mai/17	27,95	-39,9
Set/17	26,72	-39,3
Nov/17	26,86	-36
Janeiro/2018	28,23	-38,4

*Cotações futuras de sexta-feira. Fonte: BM&FBovespa

A despeito da severa seca, Norte de Minas colhe resultados surpreendentes com programa de retomada de algodoads. Tecnologia e uso racional de água garantem alta produtividade

O MILAGRE DO ALGODOEIRO

LUIZ RIBEIRO

Montes Claros – O Norte de Minas Gerais sofre com as lavouras arrasadas de milho e feijão, pastagens destruídas, rios e córregos esturricados, consequências acumuladas em quatro anos seguidos de seca. É nesse cenário impiedoso de prejuízos que um grupo de agricultores familiares, enfrentando a estiagem prolongada, consegue ver motivo para comemorar bons resultados do seu trabalho. A vitória surge na colheita de algodão. O milagre vem do uso da irrigação complementar e do melhor aproveitamento dos poucos recursos hídricos disponíveis na região.

A estratégia foi adotada dentro

do Programa de Retomada do Algodão do Norte de Minas, que envolve 97 agricultores de seis municípios: Catuti, Mato Verde, Pai Pedro, Monte Azul, Porteirinha e Matias Cardoso. “O segredo é o plantio com a tecnologia voltada para o semiárido e o aproveitamento racional da água disponível num lugar onde chove pouco”, revela José Tibúrcio de Carvalho Filho, assessor técnico da Cooperativa dos Produtores Rurais de Catuti (Coopercat), que coordena o projeto. A entidade conta também com o apoio da Associação Mineira dos Produtores de Algodão (Amipa).

A expressão que batiza o projeto faz todo o sentido, já que o Norte de Minas tem tradição na

cotonicultura, mas, devido às chuvas escassas e ao ataque das pragas do bicudo-do-algodoeiro, a atividade entrou em declínio na década de 1990. Como consequência, milhares de agricultores se viram obrigados a migrar para os grandes centros urbanos.

Implantado há nove anos, o programa é considerado modelo para garantir a atividade familiar e a convivência com a seca. A região já recebeu as visitas de várias delegações estrangeiras (de Moçambique, Angola, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde e Peru) interessadas em conhecer o sistema. Despertou também a atenção de instituições que estimulam práticas solidárias, como o Projeto “Tecendo Valor”, desenvolvido pela Fundação Solidariedade Latino-americana, com recursos do Instituto C & A.

Os agricultores do Norte de Minas plantaram 480 hectares (ha) de algodão na safra 2016/2017, dos quais 400ha de sequeiro e 80 hectares semi-irrigados. É esta última parcela das áreas que exibe a grande inovação trazida pelo programa e que garante a boa produção da região semiárida. Os plantios foram feitos no período chuvoso e, mesmo assim, contaram com equipamentos de irrigação, recebendo a chamada ‘molhagem mecânica’ somente quando a chuva demora – no veranico.

Tibúrcio Carvalho diz que foram registrados 450 milímetros no Norte do estado entre novembro do ano passado e março. Em janeiro e fevereiro, época que se esperava que as lavouras vingassem, veio o sol forte de forma devastadora, com perdas de milho e feijão superiores a 80%. Diferentemente das perdas, o sistema inovador encampado pelos produtores de algodão assegurou produtividade entre 250 e 300 arrobas por hectare nas áreas onde as plantas foram irrigadas no momento em que São Pedro decidiu não atender aos apelos por água.

Para viabilizar a irrigação complementar, foram adotadas medidas para otimizar o aproveitamen-

PLUMAS E CAROÇO

O algodão, para o Norte de Minas, é sinônimo de geração de renda e sustentabilidade das pequenas propriedades, segundo o técnico Tibúrcio Carvalho. Além de fornecer pluma de qualidade para a indústria têxtil mineira, a cultura fornece como subproduto o caroço do algodão, importante fonte de energia e dieta constante na nutrição de bovinos. “O projeto assume a missão de implantar uma agricultura mais segura, com alta tecnologia e organização. No início, houve o apoio do Banco do Nordeste e de outras instituições. O nosso objetivo, agora, é que os produtores tornem-se independentes e possam andar com as próprias pernas.”



FOTOS: TIBÚRCIO CARVALHO/DIVULGAÇÃO



Kinha adotou técnicas inovadoras e colheu 125 arrobas por hectare

COM UNIÃO, PRODUTORES REDUZIRAM AS DESPESAS

Os bons resultados do programa de retomada do algodão são comemorados pelos produtores. É o caso de Hermínio Ueskley Silva, o Kinha, de 36 anos, do município de Monte Azul, que plantou um hectare de algodão com o uso da irrigação complementar. Para garantir a manutenção da lavoura nos períodos de veranico, ele recorreu à água captada de um poço tubular e também a um tanque de terra batida aberto em sua propriedade.

O agricultor conquistou produtividade de 125 arrobas por hectare na área da semi-irrigação. “Foi muito bom, e não seria assim sem a irrigação complementar”, afirma Kinha. Impacto importante foi a geração de empregos nas terras em que trabalha. “Tive que contratar 10 pessoas para a colheita”. Kinha pretende ampliar o cultivo do algodão no sistema inovador em 2018.

Adelino Lopes Martins, o Dila, de 58, também revela a grande satisfação com os resultados do algodão que mantém em Catuti. Ele plantou 1,5 hectare no sistema de

irrigação complementar por gotejamento, usando água de um poço tubular, e atingiu produtividade de 200 arrobas por hectare. “A solução é usar o kit para a irrigação por gotejamento, fazendo a economia de água. Não existe outra alternativa para conviver com a seca”, afirma Adelino. O agricultor também fez o cultivo de algodão em 18,5 hectares de sequeiro, onde colheu 20 arrobas por hectare.

Em suas pequenas propriedades, os produtores recebem assistência técnica, kits para irrigação e apoio no preparo do solo para o plantio. Uma das razões do sucesso da iniciativa é a organização dos produtores em sistema cooperativista, o que reduz custos de produção e facilita o escoamento da colheita. Os insumos são adquiridos no sistema de compra coletiva, a safra é beneficiada em uma usina instalada no município de Mato Verde e viabilizada pelo programa.

Na hora de vender, os produtores dão as mãos novamente e não encontram nenhum embaraço para a comercialização. São formadas cargas com a produção de vári-

as áreas, o que garante escala ao grupo. A matéria-prima já tem como destinatária uma companhia têxtil de Araçá, na região central de Minas.

A união dos produtores na busca de alternativas para melhorar a produção e a convivência com a seca é enfatizada pelo diretor-executivo da Associação Mineira dos Produtores de Algodão (Amipa), Lício Pena de Sairre. “Esse programa é realmente diferenciado. Podemos dizer que é hoje a menina dos olhos da Amipa”, afirma Sairre, destacando inovações com o uso racional da água.

Ele ressalta que a iniciativa tem um grande viés social por permitir que os produtores familiares, mesmo com as adversidades climáticas, se mantenham na atividade formal sustentável. Outro aspecto para o qual ele chama a atenção é que, a partir da organização em grupo, os agricultores conseguem vender o algodão diretamente para a indústria têxtil, eliminando a figura do atravessador e conseguindo melhor preço para o seu produto.

to da pouca água disponível, por meio do sistema de gotejamento. O técnico da Coopercat explica que como os poços da região têm baixa vazão, à água precisa ser usada de forma racional. Os agricultores recorreram a água de poço tubular para irrigar os algodoads sempre que a chuva atrasou.

Os agricultores acreditam que a área cultivada de algodão herbáceo no Norte de Minas poderá apresentar crescimento exponencial com a consolidação dos investimentos na irrigação em áreas estratégicas de produção. “Eles buscam a alta produtividade, aumento da eficiência no trato cultural da lavoura e qualidade do produto colhido, agregando maior valor ao preço final da pluma”, diz o assistente técnico. Numa área de plantio de 400 hec-

tares de sequeiro, os produtores obtiveram 40 arrobas, em média, por hectare, ganho razoável dadas as condições adversas. Não fosse a severa estiagem, a produtividade média poderia alcançar 100 arrobas por hectare.

ÁGUA APROVEITADA A retomada do algodão ganhou como aliada a iniciativa de captação e armazenamento de água de chuva com a construção de tanques de terra batida, também conhecidos como tanques escavados. A técnica consiste na implantação de reservatório, escavando com um trator. Em seguida, o chão é impermeabilizado com lona plástica.

O tanque escavado tem 48 metros de comprimento, 4,6 metros de largura e 1,60 metro de profundidade. Com essas dimen-

Em 80 hectares de algodão semi-irrigados, sistemas de gotejamento e tanques escavados proporcionaram trato adequado à planta durante a estiagem

sões, armazena 310 mil litros de água. Trata-se de quantidade suficiente para irrigar uma lavoura de algodão de um hectare durante 30 dias.

“Os resultados com a experiência foram muito positivos e vamos aumentar a abertura dos tanques escavados”, diz Tibúrcio Carvalho. Ele conta que a meta é ampliar a área semi-irrigada para 200 hectares no ano chuvoso, elevando ainda o nível do aproveitamento da água de poços tubulares, racionada com o sistema de gotejamento.

Inove com qualidade e aumente sua produção

9º Grande Leilão Anual de GIROLANDO

Sábado, 27 de maio, a partir das 14h





Cadastro antecipado: (11) 3864-5533
Lances: (11) 3017-2500

[leilaofazendadoriacho](#)

Fazenda do Riacho

ANIMAIS FILMADOS EM MATOZINHOS E INHAÚMA - MG

180 fêmeas criteriosamente selecionadas **60 lotes padronizados**

Tetraviva

Emilka

HLY

Assessoria

Guaranda

APES

Cognil

Pioneer

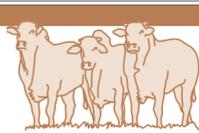
Fazenda do Riacho - (11) 3369-1089
fazendadoriacho.emilka.com.br

Lúcio Machado - (11) 99976-2706
Paulo Itaiano - (171) 99962-9141 / (171) 3261-0048

www.leilaoriacho.com.br

AGROPECUÁRIO

MERCADO



BOI GORDO

R\$/@

Vencimento mês/ano	Cotação	Varição semanal (%)
Jun/17	126,32	-20,4
Jul/17	124,26	-17,4
Ago/17	124,55	-18,9
Set/17	125,68	-19,2



CAFÉ ARÁBICA

US\$/saca 60kg

Vencimento mês/ano	Cotação	Varição semanal (%)
Jul/17	144,70	-6
Set/17	149,85	-0,6
Dez/17	153,20	0,7
Set/18	160,60	4,6



SOJA

US\$/saca 60kg (à vista)

Vencimento mês/ano	Cotação	Varição semanal (%)
Jul/17	20,70	-2,4
Ago/17	20,79	-0,8
Set/17	20,83	-0,7
Nov/17	20,94	-3,2



MILHO

R\$/saca 60kg

Vencimento mês/ano	Cotação	Varição semanal (%)
Jul/17	26,40	-45,8
Set/17	27,04	-40,7
Nov/17	27,52	-37,5
Janeiro/18	28,62	-40

*Cotações futuras de sexta-feira. Fonte: BM&FBovespa

Plantio de fruto que virou sinônimo de problema em antigo ditado popular gera renda e emprego nas áreas de 90 produtores em sistema de parceria com indústria de conservas

PEPINO É SOLUÇÃO NO NORTE DE MINAS

LUIZ RIBEIRO

“Esse negócio é um pepino”, diz expressão popular que faz referência a alguma coisa complicada ou problema. No entanto, no Norte de Minas Gerais o produto em questão é motivo de lucro e de superação do flagelo da seca. Produtores da região desenvolvem o plantio irrigado de pepino sem ter que enfiar a mão no bolso na hora de preparar o terreno e comprar equipamentos; já que eles recebem insumos e assistência técnica. Outro benefício

está na garantia antecipada da compra da safra. Essas vantagens são obtidas por meio de um sistema de parceria criado por uma indústria de alimentos de Santa Catarina, que vem estimulando o cultivo irrigado da variedade de pepino voltada para conservas (picles), investimento que leva à geração de mais empregos no campo.

A empresa Hemmer Alimentos firmou parceria com 90 produtores de quatro municípios norte-mineiros: Januária, Jaíba, Matias Cardoso e Vazelândia. Eles somam 130 hectares cultivados, com previsão de colher 2,5 mil toneladas neste ano. “A nossa meta é chegar a 3,5 mil toneladas de pepino na região por ano”, afirma o representante da indústria no Norte de Minas, José Rosendo.

Há nove anos, quando a empresa iniciou as atividades no Norte de Minas, a parceria foi fechada com apenas quatro produtores, que, juntos, no primeiro cultivo, produziram 100 toneladas. “O pepino irrigado tornou-se uma alternativa para o produtor conviver com a seca. O clima da região também favorece à produção de um pepino de boa qualidade”, observa Rosendo.

As plantações do pepino para conserva são irrigadas pelo sistema de gotejamento, com o consumo de pouca água. Assim, as lavouras podem ser mantidas com água captada de poços tubulares, sem comprometer o lençol freático. O baixo consumo hídrico também reduz os custos da energia na irrigação, usada por mais de 90% dos agricultores no período noturno, que tem valor diferenciado, a tarifa verde.

Uma grande vantagem para os plantadores de pepino com a parceria está na possibilidade de os produtores plantarem sem a necessidade imediata de gastar recursos próprios ou ter que contratar empréstimo em



Segundo José Rosendo, da indústria de conservas, a meta é comprar na região 3,5 mil toneladas de pepino por ano destinado a picles

banco. A indústria de conservas fornece as sementes, equipamentos de irrigação, adubo, defensivos e outros insumos para o cultivo, além de prestar assistência técnica. A despesa é descontada posteriormente durante o acerto da compra da produção, adquirida pela empresa alimentícia.

“Nesse sistema, o agricultor só paga pelos equipamentos de irrigação no primeiro cultivo. A partir da segunda etapa do plantio, a renda dele aumenta, pois usa os mesmos equipamentos de irrigação comprados ante-

riormente”, observa José Rosendo, representante da Hemmer Alimentos.

No ato da assinatura do contrato de parceria, é fixado o preço de compra do pepino pela indústria. A empresa paga atualmente, R\$ 150 por quilo do pepino de primeira qualidade, que mede entre cinco e 7 centímetros. Já o produto de segunda linha, com sete a 9 centímetros, é adquirido a R\$ 0,70 o quilo.

Outra vantagem do sistema de parceria é que os agricultores não têm despesa com frete. A Hemmer

busca a produção nas propriedades. Depois, transporta o pepino em caminhões equipados com câmaras frias para Blumenau (SC), onde tem uma unidade de conservas.

CAPITALIZAÇÃO A lavoura irrigada do pepino começa a produzir 30 dias depois do plantio e a safra dura cerca de 60 dias, com colheitas diárias nesse período. A cultura garante a renda do pequeno produtor, contribuindo para manter as despesas das propriedades, principalmente nas secas pro-

longadas, como se verifica no Norte de Minas. Iniciada a colheita, a empresa Hemmer faz os pagamentos pela produção adquirida a cada 15 dias, o que contribui para a capitalização dos parceiros.

Um outro ponto que favorece o cultivo do pepino é a ocupação de mão de obra. A cultura gera, em média, 15 empregos por hectare. O sistema de parceria atraiu o produtor Zaquie Gonçalves Carvalho, que desenvolve a atividade no modelo de agricultura familiar, com o pai e um irmão, na localidade de Agreste, no município de Januária.

Zaquie conta que, em fevereiro passado, fez o plantio irrigado de pepino ao longo de três hectares, onde a safra foi iniciada em março e encerrada em maio. Ele obteve produtividade de 45 toneladas por hectare. No mês passado, realizou um segundo cultivo em área de seis hectares, onde a colheita já foi iniciada em junho, com uma expectativa de produtividade média de 60 toneladas por hectare. “No primeiro plantio tivemos alguns problemas com o manejo da lavoura. Por isso, a produção não foi das melhores”, relata o agricultor, que pretende ampliar a área plantada no próximo ano para a 10 hectares.

A propriedade da família de Zaquie emprega em torno de 100 pessoas. Além de pepino, neste ano ele plantou pimenta da variedade biquinho – cerca de 40 mil pés em quatro hectares –, cuja produção também é destinada a indústria de conservas de Santa Catarina.



Plantio irrigado torna possível convivência com seca e proporciona renda para produtores de quatro municípios



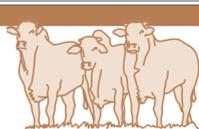
WAGNER BORGES/DIVULGAÇÃO

ADAILTON VIANA/DIVULGAÇÃO

ADAILTON VIANA/DIVULGAÇÃO

AGROPECUÁRIO

MERCADO



BOI GORDO

R\$/@

Vencimento mês/ano	Cotação	Variação semanal (%)
Jun/17	126,74	-20,2
Jul/17	121,00	-19,6
Ago/17	120,25	-21,7
Set/17	120,43	-22,6



CAFÉ ARÁBICA

US\$/saca 60kg

Vencimento mês/ano	Cotação	Variação semanal (%)
Jul/17	139,95	-9,1
Set/17	146,05	-3,1
Dez/17	149,50	-1,7
Set/18	157,20	2,4



SOJA

US\$/saca 60kg (à vista)

Vencimento mês/ano	Cotação	Variação semanal (%)
Jul/17	19,94	-6
Ago/17	20,03	-4,4
Set/17	20,04	-4,5
Nov/17	20,08	-7,2



MILHO

R\$/saca 60kg

Vencimento mês/ano	Cotação	Variação semanal (%)
Jul/17	26,00	-46,7
Set/17	26,22	-42,5
Nov/17	27,03	-38,60
Jan/18	27,60	-42,11

*Cotações futuras de sexta-feira. Fonte: BM&FBovespa



LUCRO LÍQUIDO

Menor consumo de água em relação ao plantio no solo, otimização de espaço e de mão de obras, além da redução do gasto com agrotóxicos, têm atraído a atenção para o sistema hidropônico

LUIZ RIBEIRO

A necessidade de pouco espaço, o consumo racional de água e de adubo e a redução do uso de agrotóxicos tornaram a hidroponia uma atividade atraente no campo. A produção de alface e outras folhas com o cultivo direto na água em sistema fechado (estufa) pode alcançar o dobro do plantio convencional em solo, afirma o analista em agronegócios da Federação da Agricultura do Estado de Minas Gerais (Fae-mg), Caio Coimbra.

As vantagens do negócio atraíram o pequeno produtor João Ricardo Alves Quintino, de 38 anos. Ele virou exemplo de sucesso no Norte de Minas, região de clima semiárido. Há alguns anos, João Ricardo era um vendedor ambulante e resolveu plantar horta no sítio da família a 16 quilômetros da área urbana de Montes Claros. Com o plantio tradicional, ele começou a fornecer alface para um sacolão da cidade; cerca de 50 pés por dia.

Há oito meses, montou um projeto de hidroponia em área de dois hectares (o equivalente a dois campos de futebol) da pequena propriedade, onde usa água de um poço tubular. Hoje, é o principal fornecedor de alface para Montes Claros, que tem 394 mil habitantes, quinta maior cidade do estado. O agricultor vende cerca de 1,5 mil pés de alface por dia e atende duas redes de supermercados, um atacadista e sacolões. Parte da produção é entregue ainda na Central de Abastecimento do Norte de Minas (Ceanorte).

O trabalho de Quintino é marcado pelo esforço. Ele próprio faz as entregas diretamente nos estabelecimentos nos diferentes pontos da cidade. "Acordo às 4h e, às vezes, só durmo às 22h", relata. Ele não revela o seu lucro mensal, mas diz que o faturamento até agora já foi suficiente para um terço do investimento da montagem da estrutura da hidroponia, que custou R\$ 650 mil. Ele conta que como não tinha o capital, chamou o cunhado, Eder Santana Lopes, para ser o seu sócio.

MANEJO O dinheiro foi aplicado em canos, equipamento de poço tubular, construção de um galpão, um trator, veículo de entrega e outros investimentos. Além da estrutura, Quintino aplicou parte dos recursos na contratação de um técnico especializado, que ministrou para ele um curso, ensinando todo o processo de manejo e adubação das hortaliças cultivadas na hidroponia. O carro-chefe é a alface, mas ele tem plantios menores no sistema hidropônico, como de rúcula, agrião, salsa, coentro e acelga.

O produtor destaca como um dos pontos positivos da hidroponia o baixo consumo de água. Ele salienta que manter o cultivo de alface e outras hortaliças em 20 mil metros quadrados usa 10 mil litros de água por dia. "Se fosse na agricultura tradicional, com o plantio na terra, eu teria precisaria 200 mil litros", compara Quintino.



FOTOS: LUIZ RIBEIRO/EM/D.A PRESS

Sítio a 16 quilômetros da área urbana de Montes Claros se transformou em apenas um ano no principal fornecedor de hortaliças para supermercados e sacolões

Lembra ainda que se não fosse a hidroponia, dificilmente teria como manter a sua produção, tendo em vista as estiagens severas que castigam o Norte de Minas pelo quarto ano seguido e provocaram o secamento da maioria dos rios e córregos da região, onde o nível do lençol freático também foi reduzido. "Forneco alface até para outros agricultores que plantam alface no sistema tradicional e tiveram que parar de produzir durante a seca, mas precisam continuar atendendo seus clientes", informa.

Outra vantagem do sistema apontada pelo agricultor de Montes Claros é o baixo custo com a mão de obra. Ele emprega oito trabalhadores, que cuidam do plantio, manejo e da colheita diária da alface. "Acredito que se no plantio na terra, eu precisaria de pelo menos umas 20 pessoas e o serviço seria mais difícil", compara. No entanto, Quintino também faz o cultivo direto na terra de couve, brócolis, cebolinha e milho em outra área do sítio, de duas hectares.

RETORNO DEMANDA CAPACITAÇÃO

A hidroponia é um bom negócio. Mas, para obter lucros, o produtor tem de conhecer as técnicas necessárias para a condução do sistema. "O agricultor precisa ter uma estrutura de equipamentos adequados. Tam-

bém necessita de uma capacitação para o manejo correto – adubação e aplicação de nutrientes – na água usada nas plantas", explica o analista em agronegócios da Fae-mg, Caio Coimbra. Ele lembra que o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar) oferece cursos gratuitos sobre o sistema hidropônico para pequenos produtores.

O analista em agronegócios enfatiza que a hidroponia é uma opção, principalmente, para aqueles agricultores que estão perto de grandes centros consumidores – regiões metropolitanas, que podem fazer as entregas diárias, levando em conta que a alface outras hortaliças colhidas no sistema são muito perecíveis.

Coimbra ressalta que o plantio na hidroponia apresenta várias vantagens em relação ao cultivo tradicional de hortaliças na terra. A primeira delas é o maior controle das quantidades exatas de nutrientes de água que as plantas necessitam. "O manejo é mais fácil no ambiente fechado (estufa), que também proporciona se evitar o ataque de pragas. Com isso, o produtor consegue maior produção, podendo alcançar maior rentabilidade no negócio", observa o analista da Fiemg.

Ele salienta que, o sistema apresenta vantagem até para a saúde dos trabalhadores rurais. "Como a estrutura do plantio na hidroponia não é feito no chão – e sim numa base com uma certa altura, há uma condição de ergonomia melhor, evitando problemas de coluna para os trabalhadores", destaca Caio Coimbra.

COMO FUNCIONA

- » O plantio na hidroponia é feito em canos de PVCs (de 50 e de 75 polegadas), com água corrente
- » O período de plantio e colheita do alface gira em torno de 35 dias. Nos primeiros 15 dias, a hortaliça é cultivada em uma parte da hidroponia chamada berçário, que tem canos mais finos
- » A partir do 20º, a espécie é transferida para outra área, que tem canos maiores, onde permanece até a colheita
- » A água captada passa por um reservatório no qual é feita a adubação e a mistura de nutrientes como cálcio, magnésio, nitrato de potássio e outros
- » Depois, a água é bombeada e passa a circular pelo sistema de tubulação que recebe as hortaliças. A água circula nos canos das 6h às 18h

AGROPECUÁRIO

MERCADO

BOI GORDO

R\$/@

Vencimento mês/ano	Cotação	Varição semanal (%)
Ago/17	131,00	-16,7
Set/17	136,25	-8,6
Out/17	138,17	-9,5
Nov/17	138,16	-9,8



CAFÉ ARÁBICA

US\$/saca 60kg

Vencimento mês/ano	Cotação	Varição semanal (%)
Set/17	168,25	13,4
Dez/17	173,20	16,3
Set/18	179,35	19,4
Dez/18	184,45	22,6



SOJA

US\$/saca 60kg (à vista)

Vencimento mês/ano	Cotação	Varição semanal (%)
Set/17	20,99	-0,2
Nov/17	21,09	1,0
Mar/17	21,46	2,4
Mai/18	21,61	0,9



MILHO

R\$/saca 60kg

Vencimento mês/ano	Cotação	Varição semanal (%)
Set/17	26,16	-46,3
Nov/17	28,21	-38,2
Jan/18	29,22	-33,6
Mar/18	30,70	-35,6



*Cotações futuras de sexta-feira. Fonte: BM&FBovespa

Variedades oferecidas pelo Projeto Jaíba, no Norte de Minas, comprovam a boa adaptação da cultura ao clima quente. Produção é consumida em BH, Triângulo, Goiânia e São Paulo

FOTOS: LUIZ RIBEIRO/DA PRESS



Plantio irrigado no Projeto Jaíba começou há 10 anos, com vantagem da maior luminosidade na região, que confere sabor mais concentrado em açúcar à fruta

MILAGRE DAS UVAS

LUIZ RIBEIRO

Fruta típica de lavouras de clima frio, a uva desmente a crença de que só alcança o resultado ideal onde as temperaturas são baixas, a exemplo das terras do Rio Grande do Sul, do Chile ou de países da Europa. A viticultura também está se adaptando bem às regiões tropicais, com bons lucros oferecidos aos produtores. Prova disso está no Projeto de Irrigação do Jaíba, no município homônimo do Norte de Minas Gerais, região quente e árida. São cultivadas em áreas do empreendimento as variedades destinadas ao consumo de mesa: Niágara, Benitaka, Vitoria, Isabel e Nubia.

Uma das vantagens da uva tropical é que ela é mais doce do que a fruta das regiões frias. Esse aspecto é influenciado pelas altas temperaturas. A região do Jaíba registra 24,2 graus em média, com mínima de 14,8 graus e máxima de 34 graus. O empreendimento é o maior projeto de perímetro irrigado da América Latina e se destaca na fruticultura, tendo a banana como carro-chefe.

O cultivo de uva é feito na etapa 2, a área empresarial do projeto de irrigação, onde as lavouras de frutas avançam. Com o plantio de 30 hectares de uva, a empresa Alpa Agrícola investe na cultura e está em plena colheita. De acordo com gerente e responsável técnico pelo plantio irrigado, o engenheiro-agrônomo Sidney Scharnone Alves da Silva, a expectativa é de que sejam colhidas 900 toneladas nesta safra, que começou em julho e vai até novembro.

Todas as variedades de uva de mesa escolhidas mantêm idênticos níveis de produtividade no clima quente, e a irrigação é feita pelo sistema de gotejamento. A empresa emprega 70 pessoas na colheita da uva, com a marca Colibri. A produção é distribuída em mercados consumidores de Belo Horizonte, Triângulo Mineiro, Goiânia, na capital de São Paulo e nas principais cidades do interior paulista, como Campinas e Ribeirão Preto.

O produto já sai do Norte de Minas em embalagens prontas para serem entregues nos sacolões e supermercados. Atualmente, em função do período de safra, quando costuma funcionar a chamada lei da oferta e da

procura, o preço da fruta tem se mantido sem sobressaltos. A bandeja de 500 gramas tem sido negociada, segundo comerciantes do setor, entre R\$ 2,50 e R\$ 3.

Por ser uma fruta perecível, a uva precisa de cuidado especial no transporte e um sistema rápido de escoamento. Por isso, as embalagens saem do Norte do estado em caminhões refrigerados. Para evitar perdas, o intervalo de tempo entre a colheita e a comercialização não deve ultrapassar cinco dias.

O plantio de uva no Projeto Jaíba foi iniciado há 10 anos. O dono do empreendimento da Alpa Agrícola é natural de São Gotardo, no Alto Paranaíba. Sidney Scharnone revela que antes de aportar no Jaíba, o investidor fez estudos sobre a viticultura em regiões de clima quente. Ele visitou o projeto de irrigação de Petrolina/Juazeiro, na divisa da Bahia e Pernambuco, onde é colhida uva até mesmo para a produção de vinho. Conheceu ainda as videiras irrigadas no município de Pirapora, também no Norte de Minas.

O agrônomo destaca que a uva cultivada nas regiões quentes tem um custo mais elevado do que o plantio nas regiões de clima frio do Sul do país, por causa da necessidade da irrigação. Por outro lado, o plantio em áreas como o Norte de Minas apresenta algumas vantagens. A principal delas é que, em função de maior luminosidade (mais horas diárias de luz do sol), a fruta dessas regiões apresentam um melhor paladar devido à proporção reforçada de açúcar (brix). Segundo dados do Distrito de Irrigação do Jaíba (DIJ), a região tem uma média de insolação de 2.892 horas por ano.

Outro aspecto a cultura das regiões de clima frio têm apenas uma safra por ano, que vai de dezembro março. "Nas regiões de clima quente, com a introdução de novas tecnologias, se consegue produzir uva praticamente o ano inteiro, alcançando melhor preço no mercado no período da entressafra", explica Sidney Scharnone. Ele observa, ainda que, além do atual período, a uva do Jaíba oferece uma espécie de safrinha, que vai de março a junho. Há mais um ganho na produção em áreas com maior intensidade de calor, uma vez que nelas ocorre menor frequência



Responsável pelas lavouras da Alpa Agrícola, Sidney Scharnone diz que a previsão é colher 900 toneladas nesta safra

de ataque de pragas. Isso reduz os custos com defensivos para o produtor, e para o consumidor proporciona um produto mais saudável, com menos riscos à saúde.

ÁGUA ESCASSA O engenheiro agrônomo lembra que o cultivo da uva irrigada em regiões de clima semiárido exige um manejo adequado e cuidados, que começam na preparação do solo e na escolha de mudas de qualidade. Por isso, a cultura irrigada, que — depois do plantio, demora um ano e

seis meses para entrar em produção —, necessita de investimento elevado, de cerca de R\$ 150 mil por hectare.

Scharnone não revela os percentuais de lucros obtidos com a cultura da uva tropical, mas dá uma pista sobre os resultados: o dono da empresa planeja plantar mais de 30 hectares no perímetro irrigado. No momento, adiou a ampliação da área plantada por causa da redução do volume do Rio São Francisco, que forçou restrições de uso da água para as lavouras irrigadas do Projeto Jaíba.

Potencial das lavouras é de 19,2 mil hectares

Com área total de 28,025 mil hectares, o Jaíba dedica 12,225 mil hectares à etapa 1, ocupada por cerca de 1,8 mil agricultores familiares. A etapa 2, destinada à empresa, conta com 15,8 mil hectares, com 684 lotes, segundo o Distrito de Irrigação do Jaíba. O potencial deste último segmento é de 19.276 hectares irrigáveis. Em 2016, a produção anual da etapa 1 alcançou 252,6 mil toneladas, proporcionando faturamento bruto de R\$ 565 milhões, de acordo com a Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e Parnaíba (Codevasf), responsável pela implantação do empreendimento.

Ainda falta obras de infraestrutura (canais de irrigação) nas etapas 3 (12, mil hectares) e 4 (9.734 hectares), que também serão destinadas à agricultura empresarial. Atualmente, a produção de frutas em larga escala é incrementada por empresários na etapa 2 do perímetro irrigado, tendo como carro-chefe a banana.

Com base em informações da Associação dos Fruticultores do Norte de Minas (Abanorte), a bananicultura ocupa 6.711,91 hectares no Jaíba. Em seguida, aparecem o limão (2.040,91 ha) e a manga (1.761,42 ha), produtos que estão sendo exportados para a Europa e o Oriente Médio.

A Abanorte informa, ainda, que uma área de 1.589,94 hectares no perímetro irrigado do Norte de Minas é ocupado por outras frutas, incluindo uva, atemóia, goiaba, mamão, maracujá e tangerina. O projeto conta também com o plantio de cana-de-açúcar (9.193 ha), olerícolas, ou seja, hortaliças e culturas folhosas e de raiz (2.283 ha), pastagem (1.167,42 ha) e outros cultivos, a exemplo de batata-doce, feijão, mandioca, milho e soja, que abrangem 2.148 hectares. (LR)

TERRA BOA

Características das áreas do Projeto Jaíba

Temperatura mínima	14,8 graus
Temperatura máxima	34 graus
Temperatura média	24,2 graus
Umidade relativa do ar	58 % a 79%
Insolação (média)	2,892 horas/ano
Precipitação (média)	787 milímetros/ano
Solos predominantes	Latossolo amarelo e vermelho/amarelo
Relevo predominante	plano
Canais de irrigação	248,03 km
Estradas de serviço	566,74 km

Fonte: Distrito de Irrigação do Jaíba (DIJ)

AGROPECUÁRIO

MERCADO



BOI GORDO

R\$/@

Vencimento mês/ano	Cotação	Variação semanal (%)
Set/17	143,60	-8,7
Out/17	142,58	-4,3
Nov/17	140,75	-7,8
Dez/17	140,95	-7,9



CAFÉ ARÁBICA

US\$/saca 60kg

Vencimento mês/ano	Cotação	Variação semanal (%)
Set/17	153,35	-0,4
Dez/17	159,00	5,5
Mar/18	165,15	3,6
Set/18	166,55	7,6



SOJA ()**

US\$/saca 60kg (à vista)

Vencimento mês/ano	Cotação	Variação semanal (%)
Ago/17	-	-
Set/17	-	-
Nov/17	-	-
Mai/18	-	-



MILHO

R\$/saca 60kg

Vencimento mês/ano	Cotação	Variação semanal (%)
Set/17	27,65	-43,3
Nov/17	29,18	-36
Jan/18	31,00	-29,6
Mar/18	32,40	-32,1

*Cotações futuras de sexta-feira 01-09. Fonte: BM&FBovespa
Em virtude do feriado, Bovespa não atualizou indicadores

*Cotações de sexta-feira
** Indisponível no site da Bovespa

Área plantada com mangueiras avança no semiárido mineiro e deve chegar a 7 mil hectares no ano que vem



FOTOS: LUIZ RIBEIRO/EM/D.A. PRESS

EXPORTAÇÃO DE MANGA É RESPOSTA PARA A SECA

Produção irrigada da fruta, que exige menos água no cultivo, avança no Norte de Minas e das 20 mil toneladas colhidas por ano, 20% vão para Europa, Oriente Médio e Canadá

LUIZ RIBEIRO

O sol é de rachar. A falta de chuvas – um problema histórico – se intensificou mais ainda nos últimos cinco anos na região. Mas esses fatores não enfraquecem a produção de manga no Norte de Minas, onde o cultivo irrigado da fruta virou uma alternativa para a superação da seca. Uma das vantagens da manga é que ela exige uma quantidade de água relativamente baixa, se adaptando muito bem ao clima semiárido. Nessas condições, a fruta, que antes era apenas meio de subsistência – com o “costume” das famílias da zona rural de terem um pé de manga no quintal de casa –, agora virou sinônimo de lucros para os agricultores, que, além do mercado nacional, estão exportando para a Europa, Oriente Médio e Canadá.

Atualmente, o Norte do estado tem cerca de 6 mil hectares de manga plantados, com uma produção anual de cerca de 20 mil toneladas. Mas, a perspectiva é de chegar a 7 mil hectares cultivados até o início de 2018. “Existe uma tendência de crescimento do plantio na região, por causa da economia obtida com o uso eficiente da água. Para se ter uma idéia dessa economia, a quantidade de água

gasta na irrigação da manga equivale a 40% do consumo de água nas lavouras de banana, a cultura tradicional da região”, afirma Moacir Brito, consultor de mangicultura e coordenador da câmara setorial da manga da Associação dos Fruticultores do Norte de Minas (Abanorte).

Ele salienta que, com o uso eficiente do recurso hídrico o agricultor pode manter a cultura com água retirada do poço tubular. Pode também fazer a irrigação complementar das plantas somente nos períodos que a chuva faltar. “Mas, o produtor precisa ter em mente que, mesmo exigindo pouca água, a planta sempre precisa ser molhada” observa Brito, salientando que a mangueira precisa ser irrigada na fase de desenvolvimento dos frutos.

Os pomares avançam em vários municípios norte-mineiros. A maior concentração está nos perímetros irrigados do Jaíba (abastecido com água do Rio São Francisco), projeto sediado no município homônimo e que também alcança a cidade de Matias Cardoso) e do Gorutuba (abastecido pela Barragem do Bico da Pedra, entre os municípios de Janaúba e Nova Porteirinha). Nos dois projetos de irrigação, os agricultores enfrentam a restrição hídrica por causa da seca. Somente o Projeto Jaíba tem uma área plantada de 1,78 mil hectares de manga em produção, de acordo com a Abanorte.

A variedade mais cultivada nos plantios irrigados do sertão norte-mineiro é a palmer (95%). Também estão começando a ser plantadas na região as variedades Kent e Keit. “São variedades voltadas exclusivamente para o mercado europeu”, explica Moacir Brito. Com 75 mil hectares plantados, o Brasil é o sétimo maior produtor mundial de manga. O maior produtor mundial é a Tailândia (340 mil hectares).

Conforme o consultor, atualmente, 20% da manga norte-mineira é destinada a Exportação, com o produto chegando a países europeus como Portugal (um dos maiores compradores), Inglaterra, França, Alemanha, Espanha, Bélgica e Holanda, além do Canadá (América do Norte) e do Oriente Médio. Como a fruta é perecível, o transporte é feito de avião, com a saída pelos aeroportos de Cumbica (Guarulhos/SP) e Viracopos (Campinas/SP).

OFERTA O Norte de Minas é a região com maior regularidade na oferta de manga no Brasil em comparação com outros pólos produtores do país. É o que apontou pesquisa realizada pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea) da Escola Superior de Agronomia Luiz de Queiroz (Esalq), unidade da Universidade de São Paulo (USP) em Piracicaba. “Isso é resultado do trabalho de indução floral, feito graças ao excelente planejamento e escalonamento por parte de técnicos, pesquisadores e produtores da região”, observa Brito, citando a eficiência da gestão da atividade pela Abanorte e o trabalho de pesquisa desenvolvido por professores e acadêmicos do curso de Agronomia do Campus da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes) em Janaúba.

Com a técnica de indução floral, a espécie produz praticamente o ano inteiro. Com emprego de novas tecnologias, os produtores conseguiram também antecipar o início da produção da manga. Outro ponto observado foi o aumento do adensamento dos pomares, com um maior número de plantas por hectare – antes, eram 250, hoje, são plantadas 1.200 pés de manga por hectare. Hoje, os pomares irrigados do Norte de Minas já começam a produzir com apenas 20 meses depois de plantados. A produtividade também aumentou e, hoje, oscila entre 25 e 30 toneladas por hectare em pomares com quatro ou cinco anos. “As boas técnicas, associadas à boa receptividade das tecnologias pelos produtores, têm permitido a boa qualidade e o avanço da cultura da manga no sertão norte mineiro”, conclui Moacir Brito.



O produtor Dalton Londi destina cerca de 30% da sua produção do tipo palmer para o exterior

AGRICULTOR SATISFEITO COM OS RESULTADOS

A satisfação com os bons resultados do cultivo da manga no clima semiárido norte-mineiro é manifestada pelo agricultor Darcy da Silveira Gloria. Ele tem 40 hectares de mangicultura no projeto Jaíba, dos quais 22 hectares em produção. Darcy da Silveira produz 500 toneladas de manga (da variedade Palmer). Ele conta que vende em torno de 35% a 40% da produção para o exterior, enviando a fruta para Portugal, Holanda e outros países europeus, por avião. “Mais do aumentar a quantidade, fizemos um trabalho de busca da qualidade para obter o certificado para exportação”, afirma o agricultor.

A cultura da manga irrigada tem um custo relativamente elevado, em torno de R\$ 18 mil. Mas, a rentabilidade compensa, como atesta Darcy. “O custo é alto, mas sempre sobra alguma

coisa”, diz o agricultor, que iniciou a atividade há 17 anos.

Outro que vem se dando bem com a mangicultura é Dalton Londi, que já exerceu um cargo na montadora Fiat em Betim; viveu uma experiência de trabalho na China e, depois, decidiu investir na irrigação no Projeto Jaíba. Ele começou a plantar manga há 12 anos no perímetro irrigado e conta com 60 hectares cultivados (da variedade palmer) e tem uma previsão de colher 1.200 toneladas em 2017. Cerca de 30% de sua produção é destinada para a exportação. Além de países europeus (Portugal, Alemanha e Holanda) e do Canadá, envie a fruta para o Oriente Médio. “Estou satisfeito com os resultados e quero investir ainda mais no negócio”, afirma Dalton, que é o presidente do Sindicato Rural de Jaíba e Matias Cardoso.

A atividade também entusiasma Gilberto Alves da Silva, o Negro, que começou a produzir manga no Jaíba há dois anos. Ele já tem 15 hectares em produção e uma área igual em formação. “A manga é a cultura de melhor manejo e melhor lucratividade do projeto”, afirma Gilberto.

Carlito José Ribeiro gerencia uma área de produção de manga no Projeto Jaíba, que conta com o plantio de 35 hectares e alcança uma produtividade de 25 toneladas por hectare. Ele chama atenção para o uso eficiente da irrigação, que garante a economia de água. “A manga é uma cultura que se adapta bem ao clima semiárido. Irrigamos a planta duas horas por noite, com um sistema de rotação dos talhões (lotes). Somente em outubro, quando o sol fica mais forte na região, aumentamos um pouco a irrigação”, informa Carlito. (LR)

18º LEILÃO QUERENÇA
Genética e Produtividade

FAZ. QUERENÇA, INHAMA, MG
1.800 ANIMAIS
RECREIO, ENGENHEIRO E REPRODUÇÃO
TOUROS BRAHMAN

16SET
SÁBADO, 17H

Colégio Anísio de Almeida e Reserva de Minas
MERCANTE LEILÕES (035 987115675)
QUERENÇA, 31.3773-9926

REALIZADO POR: QUERENÇA, INHAMA, ENGENHEIRO